

PRÁTICAS CULTURAIS E IDENTIDADES: PENSAR A DIVERSIDADE COMO DESAFIO PARA O PESQUISADOR

Geni Rosa Duarte
Méri Frotscher
Robson Laverdi³⁸³

As realidades contemporâneas têm desafiado historiadores a pensar com mais atenção a vitalidade das dinâmicas sócio-culturais de experimentação da diferença e da alteridade como fazeres históricos. No Brasil, temos assistido com pesar ao aumento da violência e a multiplicação de estereótipos e outras marginalizações de indivíduos, grupos e minorias sociais. Nesta contramão, subsiste uma herança histórica de desigualdades sócio-econômicas, que contribui para a exclusão formal de milhões de brasileiros do exercício institucional pleno da cidadania. É preciso, pois, atentar de uma maneira articulada para as dimensões multirrelacionais postas em torno da questão, no interior e a partir da riqueza de processos de produção da cultura que interagem com esta problemática. Nesta direção, a Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades parte da preocupação de pensar historicamente as múltiplas formas de tradução da diversidade e da conflituosidade. Tal aporte toma como fundamentais a valorização e incorporação das diferenças e contradições como constituintes da existência social, não obstante a pressão dos valores morais já instituídos que visam naturalizar a desigualdade e empalidecer a riqueza das bagagens culturais.

No mundo globalizado de hoje, é cada vez mais latente a força ambígua dos discursos propugnados a partir do ideário de aproximação desenhado no modelo do multiculturalismo enquanto um sentido único. Como bem advertiu Stuart Hall (2001), trata-se muito mais de questões multiculturais abertas pelas relações sociais em transformação do que pela fixidez do multiculturalismo como horizonte político homogeneizante. Da promessa de respeito ao efetivo encontro/desencontro edifica-se o chão de historicidade a partir das práticas sócio-culturais, donde brotam sentidos políticos múltiplos de pertencimento e de afirmação de alteridades, que por sua vez

383 Professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da UNIOESTE e integrantes da Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades.

engendram e são engendrados pelos e nos viveres citadinos cotidianos. A este conjunto de posições teórico-metodológicas de investigação histórica, soma-se o repertório de problemáticas trazidas pelas investigações em desenvolvimento no interior da linha de pesquisa.

Cultura e identidades, por sua vez, não se constituem em conceitos estanques. Trata-se, pois, de modulações fluidas de apreensão da historicidade do cotidiano, abertas à permeabilidade das experiências e sensibilidades cotidianas, como modos de viver, de trabalhar e de morar, enfim, de produção da existência social. Noutros termos, práticas culturais e identidades entendidas como categorias históricas, constituídas como feixes de sentido profundamente enraizados às práticas que transformam e atribuem significados aos sujeitos individuais e coletivos em suas múltiplas temporalidades. Tal apreensão rejeita a dicotomia ou qualquer estruturação tipológica de atribuição identitária, uma vez que se apresentam como dimensões intersticiais da vida social, como gênero, etnia, geração e classe, que por sua vez também devem ser pensadas como modulações flexíveis de apreensão histórica.

No tratamento das problemáticas de pesquisa da linha tem se colocado como desafiadores os processos de constituição do urbano a partir dos valores e modos de vida citadinos. Os viveres urbanos delineiam-se como práticas que constituem sujeitos individuais e coletivos. Estes, por sua vez, afirmam identidades territoriais de pertencimento e pautam reivindicações simbólicas subliminares por inserções sócio-culturais. Nesta direção, a linha de pesquisa tem buscado apreender as dinâmicas culturais articuladas às múltiplas formas de expressão, como a música, a literatura, o cinema, a imprensa escrita e falada e as narrativas orais. Não se trata pura e simplesmente de atribuir à cidade uma prefiguração a partir de sua fisicidade nuclear urbana. Diferentemente da tendência recorrente, de pensar a cidade pelo viés da história urbana, que a simplifica a partir de racionalidades dicotômicas de forma e função, propugna-se deslocar o olhar para as múltiplas cidades que se constituem nas e pelas práticas que extrapolam as margens da espacialidade geográfica. Noutras palavras, não se trata de pensar a cidade como palco, mas ela própria uma rede dessas práticas.

Assim, a cidade é pensada como uma categoria histórica. Este caminho interpretativo tateia extrapolar a força unificadora do espaço como exercício de poder e dominação. Muito mais do que isso, os conflitos do urbano engendram sociabilidades e territorialidades

citadinas. Deste modo, tal abordagem valoriza os modos de viver e significar o vivido, pois estes se reelaboram continuamente em diálogo com tradições e permanências em resposta as conflituosidades do tempo presente que as recolocam. Muito mais do que uma simples oposição entre o urbano e o rural, os fazeres citadinos constituem pontes de sentido entre os múltiplos tempos da prática e consciência social (WILLIAMS, 1989).

A pesquisa de Robson Laverdi, intitulada *A vida “fora do armário” e outras dinâmicas envolvendo jovens de orientação homossexual masculina em pequenas cidades do Oeste do Paraná*, articula-se a este campo de abordagem. No horizonte dessa investigação estão experiências e práticas de sujeitos individuais e coletivos nos processos e relações que afirmam a alteridade homossexual vividas em e nas pequenas cidades. Parte-se da constatação de recorrência nas últimas décadas que relações sociais constituídas com e a partir de sujeitos de orientação *gay* têm ocupado outros espaços para além de tradicionais *guetos*, de auto-exclusão ou não, e ganhado mais visibilidade social e política no Brasil. Este quadro decorre, dentre outros motivos, da multiplicação de territórios e vivências societárias ou pela formulação de pautas e engajamento em lutas por direitos, participação e inserção sociais.

A despeito de mudanças visíveis nos processos sociais de aceitação da alteridade homossexual neste panorama, não se pode descuidar de uma fácil tendência a generalizações, por sua vez embutidas no reconhecimento puro e simples de um “mundo gay”. Nas pequenas cidades, em geral marcadas por modos de viver interioranos, longe do anonimato da metrópole, jovens *gays* reelaboram vivências cotidianas, social e/ou individualmente assumidas publicamente. Em torno delas entrelaçam redes de interação e pertencimento através da afirmação de identidades ambíguas e móveis, engendradas no enfrentamento de valores individuais de não aceitação, mas que são marcadamente sócio-culturais.

Ao olhar para tais existências sociais, atualmente mais visíveis em práticas e viveres urbanos, buscar-se-á apreender uma historicidade no plano de suas marcações culturais no chão histórico da Região Oeste do Paraná. Até porque, muitas vezes a orientação homossexual aparece muito colada aos viveres urbanos, motivo que evidencia a importância de discutir a questão, haja vista as permanências e reelaborações de práticas culturais mediadas pela experiência rural. Neste sentido, tateia-se pelos desafios e possibilidades do emprego da História Oral na produção e interpretação de narrativas de jovens

homossexuais que, como quaisquer outros sujeitos sociais, vivenciam transformações ao mesmo tempo em que afirmam, negam e/ou omitem suas orientações homossexuais.

Práticas e experiências homossexuais masculinas também pulsam no cotidiano de pequenas cidades do Oeste do Paraná. Por vezes invisíveis ou ocultadas da cena pública, constituem-se em territórios e dinâmicas identitárias subliminares da existência social. Noutras palavras, tal invisibilidade não é prova da inexistência de práticas e experiências, a despeito da visibilidade proporcionada pelas lutas políticas em defesa dos direitos e pela dignidade da vida homossexual, que no Brasil tem se materializado em movimentos sociais e na organização de gigantescas paradas *gays*. Não obstante, sabe-se ainda muito pouco dos meandros das vivências homossexuais, principalmente naqueles cenários, *a priori* tidos como mais conservadores, as pequenas cidades interioranas.

Neste sentido, empenha-se em compreender as tramas do vivido. Tem-se como suposto de que as experiências de jovens rapazes *gays* não apenas pautam a subversão a uma dada ordem sexual heterossexual. Elas também conflitam e negociam existências identitárias, que se embrenham por e nas redes de relações familiares, de trabalho e dos círculos de amizade, no caso desta última não apenas a homossexual. A orientação homossexual, portanto, constitui-se num campo de afirmações, nos meandros de uma processualidade da cultura.

Ao investigar tais dinâmicas atenta-se para a historicidade não de uma existência social definida, estática e polarizada, do sujeito em si. Nos termos de uma preocupação histórica, ocupa-se das processualidades relacionais (MAFFESOLI, 2006). Estes jovens constituem-se como sujeitos de identidades múltiplas que imprimem no social as marcas vigorosamente ricas de sua existência. Não apenas nas sociabilidades imediatas, como por exemplo, o *gueto*. Mas, sim a afirmação de territórios de pertencimento delineados por e nas experiências contraditórias dos viveres de múltiplos tempos, gerações e lugares em fazeres citadinos de pequenas cidades.

A pesquisa de Méri Frotscher, *Do Oeste do Paraná rumo à Europa: emigração, memória e identidades*, tem como objetivo investigar as migrações internacionais a partir das narrativas individuais de jovens que se dirigiram a países europeus e ali trabalharam temporariamente. A despeito das migrações fazerem parte da dinâmica histórica do Oeste do Paraná – tanto as migrações internas como as migrações em direção

ao Paraguai e, mais recentemente, o retorno dos chamados “brasiguaios” - e de constituírem, inclusive, um dos temas mais investigados pelos pesquisadores, até o momento diferentes tipos de emigração para países do Hemisfério Norte não aparecem nos estudos acadêmicos. A presente pesquisa tem levantado tais dinâmicas emigratórias marcadas, principalmente, pelo desejo de acúmulo de capital no exterior e de retorno ao Brasil. Não se trata de uma corrente migratória regular e permanente e que resulte na formação de comunidades de brasileiros oriundos da mesma região, formadas por diversas gerações, tal como se observa em diversos casos estudados por outros trabalhos, mas de movimentos migratórios de diferentes tipos e destinos, influenciados em grande parte pelas dinâmicas sócio-econômicas de pequenas cidades do Oeste do Paraná e que envolvem, em alguns casos, um movimento migratório pendular.

Razões engendradas na sociedade de origem e no próprio contexto mundial, marcado pela internacionalização da produção e pela mobilidade do capital, de serviços, de informações e também de trabalhadores, assim como a existência de um imaginário acerca dos países-destino, geralmente construído a partir do contato com retornados, constituem elementos importantes na análise destes movimentos populacionais. Entretanto, mais do que investigar as razões e os diferentes tipos de emigração, tanto a de pessoas que obtiveram a cidadania ou o visto temporário para trabalho, como a de pessoas que não dispõem destes papéis e desempenham trabalho ilegal, a pesquisa se preocupa em mostrar a complexidade de situações e de posicionamentos dos entrevistados em relação à experiência no exterior. Neste sentido, apesar de se perceber a existência de redes sociais, mobilizadas no preparo da viagem, na obtenção de papéis e de trabalho, em momentos de dificuldade no país-destino, esta investigação tem possibilitado perceber também situações nas localidades de destino marcadas por estranhamentos e tensões e que envolvem a marcação de fronteiras identitárias, tanto entre brasileiros e nativos, como entre os próprios brasileiros.

As especificidades que envolvem a experiência da migração internacional para países com características culturais muito distintas da brasileira e o cotidiano de vida e de trabalho de muitos destes emigrantes, geralmente caracterizado por longas jornadas de trabalho e diversos tipos de dificuldades, revelam processos complexos de reconstrução de identidades individuais e de redefinições conceituais acerca do país de destino e do local de origem. Este tipo de investigação,

portanto, permite captar esse caráter móvel das identidades, reelaboradas nestas situações extremas de encontro/confronto com a alteridade. Esta investigação está preocupada em analisar como os retornados narram suas vivências no exterior e a experiência do retorno, em especial as expressões de vínculos de pertencimento cultural, estranhamentos e marcações de fronteiras culturais. Uma vez que as identidades não estão prontas, fixas, mas situadas nos processos discursivos de sua construção (LOPES, 2003, p. 24), esta investigação vislumbra apreender através das narrativas as estreitas relações entre linguagem, discursos e identidades.

A pesquisa de Geni Rosa Duarte, *Música e escrita poética na obra de Nicolás Guillén* visa discutir questões contidas na articulação poesia/música (popular e erudita) a partir da escrita poética do poeta cubano Nicolás Guillén (1902-1989). A análise da obra desse autor possibilita pensar tanto a escrita poética a partir dos ritmos e dos sons, em especial a incorporação nos seus poemas de sonoridades negras, quanto à musicalização da palavra escrita a partir dos movimentos musicais que transcendem a própria temporalidade dessa produção. Duas questões, nesse sentido, se entrecruzam: a questão étnica, abordada principalmente nos poemas vanguardistas da primeira fase, e a militância do poeta nos movimentos de esquerda, tanto na América Latina quanto na Europa, e sua vinculação com a revolução cubana. A sua escrita poética, dessa forma, se articula tanto com os movimentos de nacionalização da música erudita, que possibilitam a incorporação do popular a partir da utilização de novas formas harmônicas, quanto aos vários movimentos musicais que se processam na América Latina a partir dos anos 1960, tanto em Cuba, com o movimento da *Nueva Trova*, quanto no Chile, na Argentina, no Uruguai, Brasil, Venezuela, etc. O direcionamento do olhar para esse poeta torna-se pertinente, em primeiro lugar, pela atualidade das questões que emergem já na sua poesia vanguardista dos anos vinte em torno de temas como hibridização, diáspora, nacionalismo, multiculturalismo, etc. Em segundo lugar, pelas inúmeras releituras feitas por compositores latino-americanos que musicalizaram seus poemas, difundindo-os por décadas no interior de movimentos políticos e artísticos não só em Cuba, mas também no Chile, Argentina, Uruguai, etc. Procura-se discutir algumas questões referentes a uma possível *tradução* do poema em música, considerando interposição de duas formas de expressar a experiência que produzem resultados distintos tanto no seu processo de difusão quanto na mudança dos sentidos, num quadro em que

persistem problemas – recolocados – da questão étnica, fundamental pelo menos na primeira parte de sua obra.

A obra literária de Guillén, embora extremamente heterogênea, possibilita a percepção de memórias da experiência de independência cubana, indissociável e condicionada pela abolição da escravatura e, conseqüentemente, torna possível pensar a guerra contra a Espanha não apenas como desejo político de separação, mas também como uma reação dos afro-cubanos motivados pelo desejo de justiça racial (KAUP, 2000: 87-88). Ao mesmo tempo, destaca a sempre presente dominação ianque, e repele qualquer possibilidade de pensar a questão racial em termos de um *essencialismo negro*, ou de uma *recuperação de tradição*, mas aponta para uma contínua reconfiguração da experiência negra na América. Nesse sentido, ela se aproxima da conceituação de Paul Gilroy (2001) sobre a diáspora africana, quando esse autor prefere a denominação *routes* (caminhos) e não *roots* (raízes), ao analisar as suas várias vozes.

Além disso, a produção poético-musical de Guillén pode ser analisada a partir da vinculação do poeta com os objetivos e os rumos da revolução cubana, a qual, num primeiro momento, renegou a herança popular musical negra visível nos ritmos caribenhos difundidos principalmente no exterior, privilegiando o exótico e o “típico” da ilha. Dentro do movimento de renovação musical desencadeado principalmente a partir dos anos de 1970, a produção literária de Guillén sofreu uma “releitura”, cuja abrangência não se esgota na produção musical cubana, mas se difunde por outros movimentos na América Latina. Assim, compositores chilenos, argentinos, uruguaios, venezuelanos, entre outros, se valeram dos versos do poeta para a produção musical comprometida com movimentos sociais, atribuindo-lhe novos sentidos.

Carla Michele Ramos, mestranda ingressante no programa em 2006, abordou algumas questões com relação às práticas teatrais do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional de Estudantes (UNE), nos anos iniciais da década de 1960, no trabalho denominado *Arte para o povo/ Arte pelo povo: dilemas em torno das concepções e da atuação do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes através do teatro*, submetido ao exame de qualificação. Nele, analisa como, valendo-se de uma linguagem teatral renovada, voltando-se para temáticas nacionais, um grupo de jovens teatrólogos propunha-se a criar um núcleo teatral que não ficasse encastelado em salas de espetáculos, mas que pudesse se colocar frente às massas populares,

conscientizando-as a respeito de sua situação de exploração e das possibilidades de libertação. Um dos integrantes desse movimento, o sociólogo Carlos Estevam Martins, redigiu um *projeto de manifesto*, abordando essas questões e propondo a concretização de ações em torno de uma *arte revolucionária*, divergente do que seria definido como *arte de vanguarda* e da chamada *arte popular*. Acompanhando a trajetória dos jovens teatrólogos, Carla Michele Ramos retomou algumas das discussões anteriores sobre essa questão, antes mesmo da formulação do CPC, e ao invés de concordâncias sobre formas de atuação no social a partir do teatro, deparou-se com uma heterogeneidade de posições e com formas divergentes de pensar e agir no sentido da conscientização da população com relação aos seus problemas. As peças teatrais, nesse sentido, expressaram de forma muito clara essas divergências, produzidas no interior de um movimento visto e avaliado por diferentes autores como tendendo uma uniformidade ou mesmo a uma unicidade de práticas culturais. Buscando, portanto, não o consenso, mas a diversidade nos posicionamentos avaliativos dos caminhos que se configuravam como possibilidades para o Brasil naqueles anos, abre-se possibilidades de pensar também diversamente as trajetórias posteriores, inclusive frente às resistências e à repressão desencadeada a partir do golpe de 1964.

Seguindo as preocupações da linha de pesquisa em problematizar historicamente a cidade enquanto espaço de práticas, inclusive discursivas, a mestranda Bruna Scheifer apresentou os primeiros resultados de sua investigação em Exame de Qualificação, através do trabalho intitulado *Paranaguá, cidade portuária: entre a cidade ideal e cidade real*. Ao lidar com uma revista de cunho literário-cultural publicada naquela cidade, a autora pôde perceber, nos anos 20 do século XX, a emergência e a circulação de um discurso que identificava Paranaguá como a cidade do “já teve”, “cidade de belas tradições”, fazendo dessa constatação um dos motes para se pensar de que forma a cidade é dada a ver em diferentes momentos. Este sentimento nostálgico em relação ao passado afirmava tanto um progresso material da cidade no século XIX, caracterizado por alguns símbolos da modernidade, como a construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá, como por um dinamismo jornalístico e literário que teria, na ótica de muitos conterrâneos, entrado em declínio.

Um seleto grupo de “homens de letras” da cidade, ao fundar a revista de cunho literário-cultural *O Itiberê*, em 1919, expressam a clara missão de recolocar Paranaguá no cenário literário-cultural do

estado, fazendo da afirmação do retrocesso da cidade o principal argumento para a existência da revista e para a autopromoção do clube literário que a publicava. Desta forma expressam um desejo de “civilização” da cidade, contido no objetivo de mantê-la em sintonia com o mundo das Letras do estado, do país e do mundo e uma crença na capacidade interventora da intelectualidade na sociedade. A pesquisa explora as potencialidades do uso de periódicos de caráter literário-cultural nos estudos sobre cidade, procurando evidenciar as estreitas relações entre cultura letrada e relações de poderes, ao enfatizar os investimentos de alguns “homens de letras” ligados a determinados círculos oficiais do poder na produção de imaginários urbanos, assim como na divulgação de uma “pedagogia cívica”, ao instigar o patriotismo e sentimentos de identificação em relação ao estado do Paraná.

Os primeiros resultados do trabalho de pesquisa em desenvolvimento pela mestrande Adriane Eede Hartwig, com vistas à elaboração de sua Dissertação de Mestrado, encontram-se sistematizados na forma de um texto destinado ao Exame de Qualificação, com o título provisório: *Wilson Simonal e a ‘brasilidade’: estudo sobre um processo de construção de identidade nacional*. Tendo como marco temporal, aproximadamente, as décadas de 1960 e 1970, centrando-se, mais especificamente, no ápice da ditadura militar no Brasil, o problema que confere substrato ao escopo em tela consiste na análise da relação e/ou imbricação, na época, entre Estado e Indústria Cultural. Neste sentido, pelas peculiaridades tanto de sua trajetória profissional, como de outras esferas de sua vida, e isto, em relação à diversidade que marca o cenário musical no período, Wilson Simonal vem à tona como uma personagem emblemática para levar a efeito a reflexão proposta.

Considerando o mote da pesquisa que vem realizando, além do pouco, ou praticamente nada, que há produzido acerca de Simonal, Adriane principia suas atividades de investigação a partir de dois eixos: por um lado reúne, através das mais variadas estratégias, um expressivo acervo documental sobre o artista, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Por outro lado, busca respaldo em referenciais que lhe permitem delinear o contexto sócio-histórico do período em abordagem, o cenário musical daquele momento, a trajetória de Wilson Simonal, bem como ingressar no universo conceitual das questões que tem como finalidade deslindar.

Dentre os mestrandos ingressantes no programa em 2007, Cristiano Viteck, com o projeto *Cinema e Juventude*, propõe uma discussão tendo como foco a linguagem cinematográfica enquanto portadora de sentidos que dimensionam o vivido e articulam novas formas de pensar e agir coletivamente. Interessado na percepção de como o cinema “produz” e apresenta o fenômeno “juventude” a partir dos anos 1950, volta-se para alguns filmes que tematizam a questão, como *O selvagem* (*The Wild One*, 195), dirigido por Laslo Benedek, e *Juventude Transviada* (*Rebel Without a Cause*, 1955) dirigido por Nicholas Ray. Na época, o conflito de gerações era mostrado de maneira caricatural, mas as histórias de namoros na lanchonete, brigas entre gangues rivais e *pegas* disputados com os famosos carros “rabo-de-peixe” tinham grande apelo junto ao público alvo. O culto à juventude rebelde começava a desabrochar, dando origem a um estilo específico de comportamento, muito bem ilustrado pelas turmas ou gangues que se viam representadas no cinema, associando a elas uma visão romantizada do lema “viva rápido, morra jovem”.

Procurando perceber a vinculação da juventude com o fenômeno da violência, Cristiano Viteck propõe ainda discussão de outras produções posteriores a 1960, como *Sem destino* (*Easy Rider*, 1969), dirigido por Dennis Hopper, *Laranja Mecânica* (*A Clockwork Orange*, 1971), dirigido por Stanley Kubrick, e, produzido mais recentemente, *Trainspotting – Sem Limites* (*Trainspotting*, 1996, dirigido por Danny Boyle, vinculando cada vez mais o fenômeno com o uso e abuso de drogas.

Pensar aspectos do urbano a partir do processo da radiodifusão constitui objetivo do projeto de Marcos Fernando de Souza, *Aspectos da radiodifusão em Cascavel, PR*. Essa cidade, hoje com 270.000 habitantes, conta com cinco emissoras de rádio, das quais quatro são comerciais. O início desse processo, numa cidade ainda marcada pelos traços rurais acentuados na década de 1960, implantou novas rotinas e novas formas de relacionamento da população, propiciando o surgimento de novas práticas de sociabilidade. Na perspectiva de que a radiofonia não nasce pronta e acabada, mas ela aos poucos foi se constituindo enquanto tal na vida urbana, Marcos aponta possibilidades de analisar como se dá o encontro de vivências rurais e urbanas se expressando na atividade radiofônica, entendida não como algo produzido e imposto, mas se constituindo a partir das relações entre ela e seus ouvintes. Ao mesmo tempo, frente às mudanças na vida urbana, indaga como foi possível ao rádio veicular um discurso

de progresso e civilidade agindo, explicitamente, no sentido de “educar” a populações e tirar dela pretensos “vícios” rurais. Ou ainda: como os contrastes entre o mundo rural e o urbano vão se evidenciar na reconstituição de identidades.

Uma das emissoras de Cascavel, a Rádio Colméia, já operava antes de 1960 com o nome Rádio Cultura. A iniciativa de implantação da radiofonia em Cascavel, entretanto, começava antes, com uma série de emissores ligadas à Igreja Católica que adotavam o nome de Colméia, simbolizando a união das comunidades, segundo entrevista concedida por Ivan Zuchi. Ou seja, torna-se necessário investigar as múltiplas formas de constituição da atividade. Analisando o relacionamento das emissoras com seus ouvintes, ou como elas concebem e realizam esse relacionamento, Marcos propõe investigar a configuração público/privado dimensionada nas práticas que expressam relações de poder. Assumindo-se como comerciais, as emissoras estabelecem laços com o setor público, do qual dependem, mas assumem papéis com relação a esse setor, nem sempre expressando essa dependência.

A análise de processos de constituição de territórios através de narrativas orais é a preocupação central do projeto de pesquisa do mestrando Jorge Pagliarini, intitulada *São Francisco, memórias de um novo território*. O reassentamento São Francisco foi criado em 1995 no município de Cascavel para indenizar moradores atingidos pela submersão das terras do sudoeste do Paraná, devido à construção da barragem de Salto Caxias e implicou em mudanças nos modos de vida destes moradores, entre outros fatos, porque então passaram a residir mais próximos de cidades maiores. Após o reassentamento, os moradores sublinhavam o direito à terra e afirmavam sentimentos de pertencimento a um determinado *ethos* camponês, como forma de estabelecer fronteiras em relação aos integrantes do Movimento Sem Terra e de legitimar o próprio reassentamento perante os moradores já estabelecidos na região. Esta pesquisa tem buscado investigar esse processo desde então, percebendo as novas relações sociais ali construídas e as diferentes relações estabelecidas com as cidades de Cascavel e Corbélia, esta última localizada próxima ao reassentamento, assim como os novos sentidos atribuídos pelos moradores às suas trajetórias. Considerando-se o caráter dialógico da construção de identidades sociais, intenta-se ainda em perceber de que forma moradores de Corbélia vêem o reassentamento e seus moradores. A constituição de territórios implica em pensar nas redes de

relacionamento dentro do São Francisco, bem como entre seus moradores e a cidade e a região e em refletir sobre como essas fronteiras são construídas e vividas.

A pesquisa do mestrando Gilson Backes, intitulada *Memórias e dinâmicas sócio-culturais do ciclo produtivo da hortelã (Oeste do Paraná, décadas de 1960 e 1970)*, vem se dedicando a pensar a produção do silêncio atuante no meio social e historiográfico, referente ao ciclo produtivo de hortelã na Região Oeste do Paraná. O cultivo de hortelã nesta fronteira com o Paraguai ocupou-se de um contingente de trabalhadores provenientes do Sudeste e Nordeste do Brasil, que não conseguiram se fixar durante a ocupação do Norte do Paraná, em décadas anteriores. Na região Oeste, ocupada a partir dos anos 1950, por migrantes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a presença de trabalhadores portadores de outras bagagens culturais chegados no período final dos anos 1960 e década de 1970 foi responsável pela produção de múltiplas formas de estranhamento nesta paisagem social em constituição.

Uma das questões levantadas pela pesquisa diz respeito à formação da estrutura fundiária. A ocupação privada da região, que almejava a constituição de uma paisagem europeizada, por sua vez, de pequenos proprietários, transformou-se em palco de tensões com a presença de arrendatários e agregados pobres, muitos entre os quais negros, que também passaram a disputar a inserção neste espaço. Com o declínio do ciclo da hortelã, no final dos anos 1970, muitos trabalhadores deslocaram-se para outras regiões, especialmente Centro-Oeste e Paraguai. Uma minoria, entretanto, permaneceu. Trabalha-se com a produção e o diálogo com narrativas orais, por meio da História Oral, no sentido de apreender a historicidade das relações e dinâmicas sócio-culturais de pertencimento na constituição do ciclo produtivo da hortelã, a despeito da força silenciadora que o apaga do passado.

A pesquisa *Campo e cidade: memórias e viveres na constituição do urbano (Marechal Cândido Rondon 1970-2000)*, do mestrando Raphael Pagliarini, investiga modos de viver e práticas dos moradores de Marechal Cândido Rondon, na perspectiva de pensar reelaborações culturais que constituem a experiência urbana dessa pequena cidade do Oeste do Paraná. Particularmente, a partir dos anos 1970, a partir de quando parece ter deixado para trás sua principal função de articuladora político-administrativa da vida rural, até os dias atuais com as marcas recentes da empreitada agroindustrial, que tem atraído novos migrantes.

Embora travestida nas esferas de poder com uma aura essencialmente urbana, na cidade sobrevivem e se reelaboram viveres e práticas remanescentes do passado rural. A problemática de pesquisa vem discutindo usos e sentidos de permanência de valores e saberes próprios deste universo cultural. Neste sentido, atenta para disputas simbólicas que dão colorido aos viveres e práticas cotidianas. As disputas delimitam territórios e reencenam maneiras próprias, muito diferentes das proposições da agenda de industrialização elaboradas no âmbito dos interesses econômicos e políticos das elites. Ao mesmo tempo, a cidade se abre às expectativas de reinserção para muitos trabalhadores, fazendo com que a vida urbana se produza numa esteira de tensões, carências e reivindicações.

Em termos metodológicos, vem se trabalhando a produção de entrevistas com História Oral com moradores chegados à cidade em diferentes tempos desde a década de 1970. O propósito dessa investida metodológica é historicizar os sentidos de mudança ou reelaborações de pertencimento ao urbano em relação ao mundo rural, que permanece ainda latente nas práticas e viveres, que por sua vez multiplicam os significados dessas experiências urbanas.

Referências Bibliográficas:

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34, 2001

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KAUP, Monika. "Our América" that is not one: transnational Black Atlantic Disclosures in Nicolás Guillén and Langston Hughes. *Discourse*, 22.3, Fall 2000, Detroit, Michigan, pp. 87-113

LOPES, Luiz Paulo da Moite (Org.) *Discursos de identidades*. Discurso com espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4ª Edição, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.